

A PRODUÇÃO FEMINISTA DO CONHECIMENTO SOBRE O CAMPO NA GEOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Lara Dalperio BUSCIOLI¹

Marcia A. PERTUZ²

Janaina Francisca de Souza Campos VINHA³

Silmara Oliveira Moreira BITENCOURT⁴

O dossiê temático “A produção Feminista do conhecimento sobre o campo na Geografia” surge como uma iniciativa do conjunto de mulheres que integram o Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA - Rede Brasileira de Pesquisa das Lutas por Espaços e Territórios, cuja preocupação foi abrir e conformar espaços em que as mulheres possam debater, dialogar e divulgar seus saberes, com a garantia de serem ouvidas e respeitadas.

Com este primeiro volume, atendemos à crítica coletiva do apagamento que temos enfrentado na história da sociedade e da Geografia, em particular no campo de estudos da Geografia Agrária no Brasil e na América Latina e Caribe. Reconhecemos que o esforço realizado entre nós, editoras e companheiras, junto às autoras, corresponde ao movimento que vem tomando força nos ativismos e militância acadêmica e popular que intentam romper, cada vez mais, com o pensamento colonial-racista-patriarcal que nega e inválida a relevância das experiências, práticas e conhecimentos femininos e feministas, das corporalidades racializadas e sexualizadas e de todas as expressões que não correspondem às hegemonias heteronormativas.

Frente à extensa produção androcêntrica e branca da Geografia Agrária Brasileira, buscamos construir nesta, *gretas* para a produção feminista sobre/no campo, questionando acerca de: Onde estão estas mulheres? O que estão pensando na Geografia? Quem são e como

¹ Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - (FCT UNESP), Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2019/16813-7. Pesquisadora da Rede Dataluta. Email: lara.buscioli@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9741-6883>

² Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - (FCT UNESP), Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2019/27196-9. Email: marcearteaga1982@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1961-0541>

³ Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Departamento de Geografia. Coordenadora do Núcleo de Estudos Territoriais e Agrários (NaTERRA). Pesquisadora da Rede Dataluta. Email: janaina.vinha@uftm.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8763-4465>

⁴ Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia - (FCT UNESP), Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2021/01632-7. Pesquisadora da Rede Dataluta. Email: moreira.sillmara@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9961-7868>.

suas identidades de classe, raça e gênero delineiam seus trabalhos e pesquisas? Quais são os temas urgentes num contexto de violências patriarcais e raciais, bases da exploração do sistema de acumulação capitalista? Por que estes temas se encontram nas fronteiras e nas margens do conhecimento?

Neste contexto, nos interessamos pelas práticas que estão sendo costuradas no campo por mulheres camponesas, *sem terra*, assentadas, pescadoras, indígenas e quilombolas entre outras identidades, para enfrentar o avanço dos projetos capitalistas e neoextrativistas em seus territórios. O que nos leva a uma questão mais complexa: Quais são as articulações entre a realidade que vivenciam as mulheres do campo e os territórios tradicionais com as hegemonias da produção acadêmica? Como podemos explicar que, apesar de estarem no centro da reprodução e produção de suas comunidades e na linha de frente das lutas, da defesa da vida, da terra, da água e do território, representam, ainda, um número reduzido de trabalhos?

Motivadas por estas questões, pelos problemas que nos identificam enquanto mulheres, pelos pontos de encontro entre nossas identidades diversas, pelas redes e laços de afetos construídos nos anos em que temos caminhado juntas, iniciamos essa empreitada em 2020 no contexto pandêmico da Covid-19, ou seja, foram três anos de trabalho para oferecer o conjunto de textos que integram esta publicação. Nossas vidas - das autoras e editoras- foram atravessadas pelas perdas de familiares e seres queridos, pela maternidade, pela fragilização de nossa saúde física e mental e pela impossibilidade de gozar amplamente de tempos próprios - dada a sobrecarga do trabalho produtivo e reprodutivo nas nossas organizações, universidades e em nossas famílias, ao qual tentamos responder com solidariedade e compreensão. Consideramos em todo esse processo muito as implicações político-afetivas de construir e socializar saberes e produções “acadêmicas” em *clave* feminina/feminista.

Ao construir a proposta inicial enfrentamos o primeiro desafio: qual seria o espaço de divulgação para uma publicação como esta? Consideramos algumas das revistas vinculadas à Rede DATALUTA e que constituem importantes plataformas para a circulação dos debates dos estudos agrários do país e da América Latina, contudo, enfrentamos uma barreira. Vimos, por imposição, que debates importantes foram mantidos, estrategicamente, às margens da produção acadêmica hegemônica. Isso não nos deteve, e o corpo editorial da revista *Geografia em Questão* abriu-nos as portas; um gesto de solidariedade que queremos agradecer. Não por isso estamos descontentes, nos *complace* estar na *orilla* (fronteira), pois mais do que disputar, buscamos construir espaços para nomeá-los e considerá-los efetivamente como nossos, nos

quais tenhamos a liberdade e autonomia de falar e criar ‘outras’ formas-representações femininas, não heteronormativas, indígenas e pretas da experiência da luta comum.

É por isso que nesse dossiê transitaram relatos, poesias, cordéis, ilustrações, fotografias, artigos acadêmicos e resenhas, que recolhem algumas experiências tanto de militância como de pesquisa de nossas companheiras. Neste primeiro volume, decidimos convidar as mulheres que integram os grupos da Rede e a companheiras com as quais compartilhamos espaços de reflexões conjuntas, assim como companheiras organizadas que nos presenteiam com a partilha de expressões ‘outras’ de suas práticas emancipatórias. Apresentamos formas de sentir e pensar os territórios, desde distintas realidades, que nos conectam com mulheres da Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e São Paulo; com trajetórias como educadoras populares, feministas camponesas populares e comunitárias, sem-terra, pretas, indígenas, nas lutas juvenis, contra o racismo, frente a espoliação de seus territórios, contra a mercantilização da terra, da água e dos bens comuns.

Abrimos esta publicação com a capa organizada pela pesquisadora Aline Albuquerque Jorge a partir dos registros fotográficos de companheiras da Rede DATALUTA que tinham como o intuito visibilizar os trabalhos de campo realizados. Há também, de autoria de uma de nossas convidadas especiais, Cidinha Oliveira, sergipana, mulher negra, feminista antirracista e lésbica, que nos permite, através da poesia, conectar com as possibilidades de viver em movimento e construir resistências entre mulheres.

Apresentamos textos em formato livres, ilustrações e fotografias, dialogando com os textos acadêmicos. Através do relato “*Mulheres e a Quebra das Correntes*”, Rosmeri Witcel, mulher sem-terra, militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e educadora popular, oriunda de Rio Grande do Sul, assistimos uma das Jornadas do 8 de Março mais emblemáticas para a luta anticapitalista e antipatriarcal organizada e realizada pelas mulheres do movimento; adverte-nos sobre a necessidade de enfrentar todas as formas de violência que garantem a reprodução do latifúndio no campo, assim como a iminência de transformar as relações doentes que materializam o *nó* constituído pelo patriarcado-racismo-capitalismo; também aborda as possibilidades concretas de transformação que resultam dos afetos, da escuta e de identidade coletiva construídas no caminho da luta comum.

E, para nos fazer refletir sobre o impacto das estruturas patriarcais e racistas na vida das mulheres negras, da juventude e periferia, Esther Maria Pacheco, estudante de Geografia e militante da Consulta Popular, nos sacode com “*Preta o Suficiente*”, uma poesia crua e bela, cuja composição, como ela mesma conta, “diz muito a respeito de minha vivência enquanto

mulher negra de pele clara, e como o racismo atravessou e atravessa no cotidiano e nos espaços que frequentei durante a vida; para além disso, o poema me ajuda a colocar as indignações para fora e gritar, de alguma maneira, sobre as injustiças que vivemos historicamente, mas também as potências que nós temos construído ao longo de nossa história”.

No contexto das produções no campo do debate científico-geográfico foram desenvolvidos seis artigos que buscaram compreender e problematizar algumas questões estruturantes que avançam no debate de gênero em diferentes espaços e territórios.

O primeiro texto *“Geografias feministas, academia e militância: reflexões sobre a experiência do Coletivo de Mulheres da Rede Dataluta no Brasil”* de autoria das geógrafas organizadoras desse dossiê, Silmara Bitencourt, Lara Buscioli, Janaina Vinha e Márcia Pertuz, realiza uma reflexão a respeito das problemáticas que envolvem a vida das mulheres e os principais desafios enfrentados nos espaços acadêmicos e de militância, tendo como recorte o Coletivo de Mulheres da Rede DATALUTA.

O segundo trabalho intitulado *“Processos de resistência das mulheres Guarani e Kaiowá pela reprodução da vida diante da violência sistemática do Estado e do agronegócio: contra e para além dos cercos do patriarcado-colonial-capitalista”*, redigido pela pesquisadora Guarani Nhandeva e doutora em geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados, Beatriz Vera; pela Gislaine Monfort, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados; e pela etnobióloga Laura Gislotti, doutora em Biologia animal pela Universidade Estadual de Campinas. O artigo tem como principal objetivo analisar as conflitualidades, resistências, violências e impactos da atuação do Estado e do neoextrativismo nos territórios indígenas Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul, tendo como foco compreender a luta pela reprodução da vida e pelo território através das mulheres que historicamente resistem criando novas formas de lutas.

O terceiro artigo foi escrito pelas companheiras Aline Motter Schmitz e Caroline Tapia Bueno, ambas doutoras em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* de Francisco Beltrão no estado do Paraná e integrantes do Grupo de pesquisa Corpo, Gênero e Diversidade, vinculado à mesma universidade. O artigo tem como título *“Diálogos entre as Pesquisas Geográficas e o Conceito de Patriarcado”* e busca compreender o conceito de patriarcado através de Saffioti, Lerner e Federici, bem como a sua utilização nas pesquisas Na ciência geográfica por meio das teses e dissertações registradas no Catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. As autoras buscaram problematizar os estruturantes que envolvem o debate de gênero e o patriarcado, e

analisou que, no campo das publicações, a influência do patriarcado na vida das mulheres pesquisadas eram evidentes, explicitando elementos da invisibilidade do trabalho feminino em diferentes espaços.

O quarto trabalho foi redigido pela militante da Consulta Popular, Jane Rosa da Silva, integrante do Centro de Estudos da Geografia do Trabalho e Mestra em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente. Seu artigo, “*Dia Internacional das Mulheres: O Movimento Feminista e a Produção da Escala Geográfica no #8M*”, debateu a importância e o significado do Dia Internacional das Mulheres enquanto luta estratégica de resistência dos movimentos feministas, com o objetivo analisar a multiescalaridade das ações, as origens e as pautas de lutas envoltas no ano de 2017 dessas mulheres organizadas.

O quinto artigo intitulado “*O Protagonismo das Mulheres nas Denúncias dos Usos e Abusos de Venenos: Ecofeminismo, e Outras Relações com a Natureza*”, foi desenvolvido pela pesquisadora Daniela Ferarrez Valério, mestranda em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente. O trabalho problematizou questões estruturantes que permeiam os debates do patriarcado, dos agrotóxicos e do ecofeminismo, explicitando a invisibilidade das mulheres na comunidade científica, principalmente os estudos que envolvem a problemática do uso de agrotóxicos e as ações de resistências das mulheres. Neste contexto, a pesquisadora apresenta uma leitura ampla e histórica sobre o tema, vinculando à autoras como Raquel Carson, Vandana Shiva, Raquel Rigotto e Larissa Bombardi.

O último trabalho apresentado foi escrito pelas autoras Miriam Moura Vital e Joana Tereza Vaz de Moura, ambas membras da Rede DATALUTA e do Laboratório de Estudos Rurais. A primeira é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e integrante do Laboratório de Estudos Rurais da mesma instituição. Já a segunda é Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pós-doutora em Sociologia pela New York University. O trabalho das companheiras foi intitulado “*Enxu Queimado Existe Porque Persiste*”: Uma Análise dos Conflitos Socioterritoriais na Comunidade Pesqueira de Enxu Queimado/RN”, e analisou as ações de resistências dos moradores da comunidade pesqueira contra a perda de seu território apropriado e vivido, compreendendo a importância da organização das mulheres na disputa entre os modelos de desenvolvimento pautados por distintas lógicas.

Finalmente, divulgamos os trabalhos de Dalila Alves Calisto e Janaina Francisca de Souza Campos Vinha e seus livros lançados recentemente no Brasil, apresentados em dois formatos. No primeiro texto, “*Um Instrumento Na Luta Pela Água*”, a resenha escrita por Elisa Mergulhão Estronioli, integrante da Coordenação Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e companheira de luta de Dalila Alves Calisto, apresenta os elementos centrais do livro “*Mercantilização da água: análise da privatização do saneamento de Teresina (PI)*” para pensarmos as implicações da mercantilização da vida como estratégia do Capital. Elisa alerta os aportes da pesquisa militante como um “subsídio para qualificar a luta das organizações populares em defesa dos bens comuns”.

O segundo texto, denominado “*Paradigmas da Geografia Agrária Brasileira temas, tendências e perspectivas: Diálogo com Janaina Francisca de Souza Campos Vinha*”, nos permite ter uma visão mais íntima da caminhada dessa geógrafa e do processo de construção de sua obra, a qual traz um panorama das principais temáticas que têm ocupado os estudos da Geografia Agrária Brasileira nos últimos anos; um diálogo, mediado por Marcia A. Pertuz e pela coautora do livro, ainda que não possa ser chamada de entrevista, foi pautada numa troca dialógica entre companheiras, com a qual encerramos este dossiê para reiterar a importância do reconhecimento do trabalho tecido entre nós mulheres e a potência que existe na partilha e na troca entre nós.

Sem mais, para além de nosso desejo de que este primeiro volume possa contribuir com a atividade militante, acadêmica e popular, assim como no avanço para mais espaços deste tipo no interior da Geografia e nos estudos agrários, destacamos o aprendizado e a satisfação que este trabalho conjunto nos deixa; impulsionadas pelo motor da esperança perante as estruturas desiguais sobre a qual continuam sendo reproduzidos o colonialismo, o patriarcado, o racismo, LGBTQIA+fobia e o capitalismo nas nossas vidas e ao interior das nossas instituições, reivindicamos a consigna “*Cultivar afetos, derrotar as violências!*”⁵, no campo, na cidade e nas universidades.

Desejamos uma boa leitura!

⁵ Consigna derivada da campanha das Mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: “Mulheres Sem Terra: contra os vírus e as violências” que surge como estratégia no marco da pandemia da Covid-19 no ano de 2020.